

Vol 17, Núm1, jan-jun, 2024, pág. 433 – 446.

## O brincar em comunidades quilombolas e as possibilidades de práticas curriculares

Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa<sup>1</sup>

Arlene Nascimento dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo objetiva compreender as brincadeiras nos quilombos em sua relação com as atividades curriculares de uma escola com classes multisseriadas. O brincar é uma atividade essencial na infância; por meio da ludicidade a criança significa o mundo a sua volta, expressa sentimentos e ações e constrói habilidades. A pesquisa foi realizada em duas comunidades quilombolas: Pimenteira e Bela Aurora no interior do estado do Pará, tendo como participantes dez moradores das comunidades e uma professora de uma escola da Comunidade quilombola. O levantamento ocorreu por meio de entrevista semiestruturada. Nos resultados, percebeu-se que as brincadeiras e brinquedos traduzem a identidade cultural dos quilombos, tanto na vida cotidiana dos moradores, como nas práticas curriculares na escola. Além disso, os dados revelaram que apesar das brincadeiras tradicionais estarem presentes, com resgate de traços da história identitária das comunidades, os brinquedos industrializados também fazem parte do cotidiano da infância. Nas práticas curriculares ao longo do ano letivo a professora resgata as brincadeiras tradicionais da comunidade (pela via dos brinquedos feitos na comunidade, das atividades lúdicas locais e da contação de história da vida da comunidade). Conclui-se que as brincadeiras tradicionais resistem, como parte de uma cultura local, porém, nos dias de hoje as brincadeiras têm sido ampliadas por brinquedos industrializados ofertados pelo mercado midiático. Na escola na comunidade quilombola tem sido considerado as tradições do quilombo nas práticas curriculares.

**Palavras-chave:** Brincadeiras tradicionais. Infância. Comunidade quilombola. Práticas curriculares

### ABSTRACT

This article aims to understand play in quilombos in relation to the curricular activities of a school with multigrade classes. Playing is an essential activity in childhood; through playfulness, children make sense of the world around them, express feelings and actions and build skills. The research was carried out in two quilombola communities: Pimenteira and Bela Aurora in the interior of the state of Pará, with ten residents of the communities and a teacher from a school in the quilombola community as participants. The survey was conducted using semi-structured interviews. The results showed that games and toys reflect the cultural identity of the quilombos, both in the daily lives of the residents and in curricular practices at school. In addition, the data revealed that although traditional games are present, with traces of the community's identity history, industrialized toys are also part of everyday childhood life. In curricular practices throughout the school year, the teacher rescues the community's traditional games (through toys made in the community, local play activities and storytelling about community life). It is concluded that traditional games resist, as part of a local culture, nowadays games have been expanded by industrialized toys offered by the media market. And at school, quilombo traditions have been considered in curricular practices.

**Keywords:** Traditional games. Childhood. Quilombola community. Curricular practices

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Educação Básica e do Campus de Bragança, ambos da UFPA. E-mail [nmfrs@ufpa.br](mailto:nmfrs@ufpa.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9129-0319>.

<sup>2</sup> Pedagoga pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora da Educação Básica. SEMED. Cachoeira do Piriá. E-mail [arlenesantos1987@yahoo.com.br](mailto:arlenesantos1987@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5180-0807>

## INTRODUÇÃO

O brincar é uma atividade dominante e essencial na infância. Por meio da atividade lúdica a criança se desenvolve, representa o mundo, constrói significados e se constitui enquanto sujeito. A brincadeira está relacionada ao espaço, a idade; bem como, aos artefatos ou brinquedos e ao contexto cultural em que a criança se encontra. Pelas brincadeiras a criança expressa pensamentos, sentimentos e ações. O brincar estimula o raciocínio, a capacidade simbólica, a afetividade, a imaginação e a criatividade (KISHIMOTO, 2011; OLIVEIRA, 2002; SOUSA, 2004).

Na atividade lúdica a criança interage com o mundo a sua volta, com possibilidades de novas aprendizagens e descobertas. Uma brincadeira típica na fase de três até aproximadamente seis anos é o brincar do faz de conta ou jogo simbólico, neste as crianças apropriam-se de elementos da realidade e atribuem novos significados. O jogo simbólico tem entre muitas características o uso da imaginação, da imitação e das regras. Pela via da imitação a criança adota diferentes papéis sociais, pode de modo simbólico usar objetos e praticar ações que ainda não lhe são permitidos. Ela age como se fosse maior ou até imitar os adultos, portanto, nessa atividade exercita-se na compreensão de papéis sociais (VIGOTSKY, 2007).

No brincar a criança apresenta a capacidade de expressar-se e representar seu cotidiano de forma simbólica. Dessa forma, a ludicidade é uma das maneiras em que a criança encontra para representar suas experiências, interpretar o mundo e dar uma nova simbologia aos objetos, com resgate de aspectos da vida sociocultural. Assim como, desenvolver a sociabilidade, reproduzir e reconstruir uma cultura (OLIVEIRA, 2002, SOUSA, 2004, WAJSKOP, 2012).

Uma modalidade de atividade lúdica que reflete a relação entre cultura e infância são as brincadeiras tradicionais e populares. Essas apresentam características, como o anonimato, a tradicionalidade e a transmissão oral; estão relacionados a uma cultura local e apresentam alguns padrões lúdicos universais. A criança nas brincadeiras tradicionais e populares se conecta com elementos culturais e sociais e a transforma no brincar (KISHIMOTO, 2011; PONTES, MAGALHÃES, 2003).

Portanto, uma dimensão importante na produção da identidade e significados culturais em comunidades quilombolas são as brincadeiras tradicionais; modalidade em que se observa a relação entre o contexto cultural e a criança. Esse tipo de brincadeira, apresenta

como particularidade, entre outras, um legado imaterial (em que é passado de geração para geração), a tradicionalidade e a transmissão oral.

O protagonismo de comunidades quilombolas passa entre outras por conhecer como brincavam e brincam as crianças na atualidade, quais os espaços e materiais que foram e são usados, na ideia de que esses aspectos são relevantes para a memória, a identidade e a alteridade do povo do quilombo. Nessa perspectiva, a educação e em específico, o currículo escolar quilombola tem como desafio trazer para o presente a ancestralidade da cultura quilombola para a organização curricular e em específico as práticas pedagógicas na escola (CARRIL, 2017).

A temática brincar na sua relação com a escola remete a uma discussão sobre as práticas curriculares na educação básica. Silva (2015), afirma que o currículo é uma construção social; com interligações entre saber, poder e identidade. Nessa direção, as políticas educacionais atuais em sua organização curricular consideram as desigualdades sociais, centradas em questão de raça, etnia, gênero, deficiência, entre outros. A educação escolar e as práticas curriculares voltada a questão étnico-racial se direcionam para o resgate da identidade cultural. Uma maneira para valorizar a identidade cultural pode ser pelo uso pedagógico das brincadeiras tradicionais.

Na esteira dessa discussão, optamos na pesquisa por focar o brincar em comunidades quilombolas na interface com as práticas curriculares. Desse modo, o artigo objetiva compreender os modos de brincar em duas comunidades quilombolas na sua relação com as dinâmicas curriculares em uma escola multisseriada do quilombo.

## **O PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo, (2001) na pesquisa qualitativa se busca o significado, ou seja, os sentidos, as crenças e os valores de determinado fenômeno social; para a autora há uma aproximação e intimidade entre sujeito e objeto. Nessa direção, em função do objetivo da pesquisa a investigação qualitativa foi a mais adequada no estudo.

O lócus foram duas comunidades remanescentes de quilombos: a Comunidade da Pimenteira (no município de Santa Luzia no estado do Pará) e a comunidade Quilombola Bela Aurora (no município de Cachoeira do Piriá, no estado do Pará).

Os quilombos estão localizados no nordeste paraense; os territórios tradicionalmente têm uma trajetória histórica própria, com presunção de ancestralidade negra. A população da comunidade Pimenteira é de aproximadamente 170 habitantes (adultos e crianças) composto por 24 famílias e sua economia é baseada na agricultura. O Quilombo Bela Aurora tem uma população de aproximadamente 155 pessoas e 32 famílias; caracteriza-se por uma economia baseada na agricultura e a pesca para consumo interno; na comunidade tem a casa de farinha e o cultivo de frutas variadas, em específico o açaí; algumas famílias tem pastos pequenos, com criação de gados e animais de pequeno porte.

Na pesquisa de campo optamos por protagonizar atores das próprias comunidades quilombolas e a professora de uma escola do quilombo. Nessa direção foram realizadas entrevistas com dez moradores adultos das duas comunidades e uma professora da escola no quilombo Bela Aurora. Os participantes adultos tinham entre 22 a 60 anos, sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todos residem nas próprias comunidades. Os adultos desenvolviam atividade laboral na própria comunidade (cultivo da agricultura).

Para salvaguardar a identidade dos participantes foram utilizados nomes fictícios, a saber: João (participante masculino de 57 anos), Alexandre (participante masculino 23 anos) e José (participante masculino 66 anos), Luísa (38 anos), Laura (29 anos), Luzia (35 anos), Geraldo (33 anos), Ana (22 anos), Cristina (38 anos) e Nazaré (56 anos).

A professora foi denominada de Lúcia, a mesma é moradora da comunidade, se reconhece negra, atua em classe multisseriada de 1º ao 5º ano na escola da comunidade quilombola Bela Aurora.

O levantamento foi realizado por meio de entrevista semiestruturada com um roteiro pré-estabelecido. As entrevistas foram realizadas nas residências dos moradores. Não foi estabelecido um tempo para o término das entrevistas e muitas vezes o roteiro servia como um norteador das temáticas, sem uma fixação neste roteiro.

As entrevistas foram autorizadas por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Os critérios de inclusão utilizados para participação na pesquisa foi ter nascido e vivido nas comunidades quilombolas ao longo da vida.

Os dados das entrevistas foram tratados por meio de análise de conteúdo de Bardin, (2011) e foram estruturadas em eixos temáticos. Essa análise foi organizada em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Na pré-análise, foi feita a organização das entrevistas, envolvendo a transcrição e a leitura fluente, com a delimitação de alguns indicadores para auxiliar a interpretação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados foram organizados considerando a transcrição, leitura fluente e análise das entrevistas. A partir dessa etapa emergiram dois eixos temáticos: 1. O brincar nas histórias dos moradores das comunidades quilombolas e 2. As práticas curriculares e as brincadeiras tradicionais: o brincar da comunidade como eixo curricular em escolas quilombolas com classe multisseriada.

### **O brincar nas histórias dos moradores da comunidade e a construção identitária**

Na narrativa, as brincadeiras tradicionais estavam presentes nas particularidades histórico-culturais dos moradores das comunidades quilombola. Pela via das memórias os participantes revelaram o modo de brincar, os espaços e os brinquedos utilizados. Assim também, contaram como construam os brinquedos ou artefatos que usavam para brincar.

Outro ponto destacado nos relatos foi a comparação com o brincar na atualidade. Nessas falas trouxeram à tona o modo de vida da região e a identidade cultural da comunidade.

Os participantes adultos expressaram que no passado havia mais espaços livres para brincar. Tinham a terra e os campos no qual exerciam a liberdade para correr, criar e rir. Os espaços do brincar eram os terreiros, o campinho de futebol, a casa de forno, a igreja, a barraca da santa e o terreiro da escolinha. A narrativa de Laura revela os espaços do brincar no quilombo:

Naquela época a vida das crianças estava nos quintais, nos terreiros, nas vielas e nos campinhos de futebol, na casa de forno, na igreja, na barraca da santa e no terreiro da escolinha. Atualmente temos espaços limitados, a comunidade não cresceu tanto, mais alguns espaços foram ocupados por ambiente não muito propício a brincadeiras, as pessoas se tornaram individualistas e seus quintais ganharam cercas, proibindo a possibilidade de ir vir com outras crianças. Algumas pela pecuária extensiva e o latifúndio (participante Laura).

Os moradores além de relatarem sobre os espaços físicos em que brincavam, rememoraram os tipos de brinquedos e brincadeiras vivenciadas no passado. Nas narrativas ressaltavam a liberdade e espacialidade que tinham para se movimentar e brincar.

Os artefatos lúdicos (brinquedos) demarcavam a identidade cultural do quilombo. Eram produzidos brinquedos por meio de conhecimentos herdados dos ancestrais, como expressão da vida cotidiana, num cenário sócio ambiental próprio, utilizando materiais da própria região para a confecção dos brinquedos. As brincadeiras e brinquedos eram variados, com termos regionais, o que demarca uma identidade cultural das comunidades quilombolas, como os nomes reconhecidos na história das brincadeiras.

Os participantes evidenciam como construía seus brinquedos, com materiais da própria região. Os materiais usados na confecção dos brinquedos eram extraídos da natureza ou de sucatas e confeccionados pela família ou por eles mesmos. A madeira, o barro, a espiga de milho, o pano, as latas vazias de óleo de cozinha foram alguns materiais citados pelos participantes, com uma relação direta na construção e uso dos brinquedos com os materiais e costumes da comunidade.

O barro que servia para fabricar os potes, panelas e outros utensílios, também era utilizado para fazer a boneca de barro. O milho que era cultivado na agricultura familiar, suas espigas serviam para confeccionar as bonecas de espiga de milho. A madeira, era empregada para fazer brinquedos de madeira, como a bonecas de pau, o arco, o pião, o cavalo de pau e a perna de pau (pernas compridas feitas de madeira em que os participantes alteravam suas alturas). Do guarimã e do buriti, árvores típicas da região, se fazia o carrinho; do limoeiro se extraía a fruta para o consumo, mas também, era usado para fazer a bola de limão que se brincava futebol. Se aproveitava também as sucatas, como lata de óleo ou de sardinha e garrafa de vidro; as latas eram transformadas em carrinho; as garrafas de vidro se confeccionavam as bonecas de vidro. O tecido era para fazer bonecas de pano ou a bola de pano.

Na brincadeira de casinha (faz de conta), as bonecas eram confeccionadas de garrafa de vidro, de espiga de milho e de pano. Havia também o arco, feito com vara da planta nativa chamada de giniparana. E outras brincadeiras como a burrica, a pira bandeira, cai no poço de elástico, garfo ou faca, a pata cega, Adão e Eva, jogo de compadre, conforme contam João e Laura:

Eu brincava com boneca que eu mesmo fazia, pois meus pais não tinha dinheiro para comprar boneca que vendia na cidade. Então eu fazia boneca de pau assim: cortava um pedaço de pau pequeno para usa como a minha boneca; depois eu fazia as roupinhas para usa nela. Já a minha boneca de pano era minha mãe que construía, eu não sabia como fazer. Já boneca de milho só brincava quando era tempo de milho verde. A boneca de vidro era feita assim: eu pegava um litro de 5l, lavava bem e

depois fazia as suas roupinhas e colocava nela, também eu colocava os seus cabelinhos, eram pedaço de pano preto, colocava na boca do vidro e assim usava como cabelo dela. As minhas bonecas eram muito importante pra mim, foi uma infância muito boa, era quando gente brincava com os nossos brinquedo que a gente mesmo fazia era mais gostoso, quando a gente começa fazendo os próprios brinquedos e mais gostoso ainda quando eu brincava com minhas irmãs e primas (participante Laura).

Eu fazia os meus brinquedos, eu brincava de arco, de pião, jogo de bola de limão, perna de pau, burrica e cavalo de pau. O arco é feito com pedaço de vara chamada de giniparana uma planta nativa que vive na capoeira eu cotava ela amarrava um elástico para brinca com meus colegas era assim eu fazia, a pião era feita assim eu pega uma sacola de pratico amarrava um fio comprido para eu brincar era das minhas brincadeiras, já no jogo de bola de limão eu pegava limão verde para brincar e a chamada burrica eu sabia como fazer era meu pai que fazia não mim lembro como ele fazia, mais os meus cavalos eu mesmo gosta de fazer pois eu pegava pedaço de pau que desse fazer de uma cavalo para mim andar feito meu cavalo com irmãos e meus colegas, Com idade de 9 anos. Eu gostava de os meus próprio brinquedo meus cavalo de pau, minhas bola de limão que eu mesmo fazia foi muito bom minha infância coisa que não volta mais fica só nas minhas memórias (participante João).

Os brinquedos e brincadeiras das comunidades quilombolas possuíam um significado cultural, com uma construção identitária e tradição cultural da população. Nessa direção, Hall (2005) enuncia que identidades culturais transitam em posições culturais diversas; e que ao mesmo tempo, retiram seus recursos de tradições culturais.

Trazemos a narrativa de Cristina no qual expressa suas brincadeiras prediletas e como construía suas bonecas

Eu brincava de pira se esconde pira bandeira, brincava de cai no poço de elástico, garfo ou faca, pata cega, Adão e Eva. Brincava com meus irmãos. A partir dos meus 6 anos Jogava bola e pira se esconde. Eu fazia minhas boneca de pau, usava fio para pular elástico com as minhas primas e irmãs (Participante Cristina)

Carvalho e Pontes (2003) afirmam que a cultura é um modo local de uma sociedade se organizar, de dar sentido e representar suas experiências em comum. Portanto, a cultura nos faz e nos torna o que somos, é transmitido de geração a geração e compõe a identidade de um grupo humano. Assim a atividade lúdica infantil, enquanto prática e produto cultural e legado imaterial, transmite e reedita elementos culturais.

As vivências lúdicas vivenciadas nas comunidades quilombolas são construções culturais e sociais compartilhadas no cotidiano dos sujeitos em suas comunidades. Nesse sentido, concordamos com as ideias de Brougère (2014) e Brandão, (2010) no qual as brincadeiras e brinquedos no quilombo refletem os significados, os saberes, as crenças e os

valores da cultura local; a atividade lúdica e seus artefatos estão relacionados a uma cultura e um contexto social, com significados, real ou imaginário

A participante Nazaré fala sobre as brincadeiras, suas bonecas e os brinquedos preferidos feitos por ela:

Eu brincava de casinha, boneca de pau, boneca de pano e boneca de milho verde. Com minhas primas e irmãs. Eu usava como brinquedos, minhas bonecas que eu mesmo fazia, usava as cuia para fazer minhas panela e copo (participante Nazaré).

Nas brincadeiras nos quilombos percebemos traços culturais típicos que expressam sua identidade coletiva. Nas práticas lúdicas, além da construção dos brinquedos tradicionais, os saberes, valores e hábitos são passados de geração para geração. Os significados, as representações e os modos de pensar e agir de um povo são transmitidos e reeditados culturalmente. A identidade se reflete nas brincadeiras, nos brinquedos e nos espaços em que ocorriam as brincadeiras. Portanto, os espaços do brincar, as atividades lúdicas e os artefatos representam e significam a cultura ali produzida e a identidade cultural de ser quilombola.

Melucci (2004) ressalta que as comunidades quilombolas apresentam formações identitárias das comunidades negras como um campo um político de poder, de afirmação das diferenças e das singularidades de um grupo étnico-racial.

Brougère (2014) e Huizinga, (2012) destacam a relação entre ludicidade e cultura. Para os autores nas atividades lúdicas as crianças interpretam, constroem e reconstruem a cultura, com produção de valores, crenças, significados, modos de agir e se organizar.

Podemos perceber que nas comunidades quilombolas as atividades lúdicas são vistas como construções identitárias e de produção de diferenças, que reafirmam posições políticas, de poder e de luta. Hall (2005) afirma que a cultura é um discurso, com criação e trocas de significados; em um ambiente em que há um senso de pertencimento, que se vivência sentimentos, construção de conceitos e ideias. A cultura é composta por símbolos e representações com construção identitária e envolve resistência as forças globalizantes. As identidades, enquanto sistemas de significação e associadas a sistemas de representação, são produzidas em locais históricos. E são mediadas por relações de poder, o que permite ao indivíduo na relação com os pares ter referências simbólicas e intersubjetivas.

Os moradores dos quilombos nas narrativas ressaltaram as diferenças no modo de brincar atual e no passado. Afirmaram que atualmente as brincadeiras são influenciadas pela mídia. Para os mesmos, tanto no passado, como no presente algumas brincadeiras fazem parte



do dia a dia das crianças e que ainda não perderam o valor na comunidade. Eles citaram algumas brincadeiras e brinquedos do passado: jogo de bola, pira se esconde, carrinho de lata de óleo, brincar de casinha com boneca de garrafa de vidro, de comadre, de perna de pau. Alguns brinquedos os atores sociais percebem que não são mais utilizadas atualmente pelas crianças, tais como, o pião, a bola de pano, o carrinho de buriti e as bonecas de espiga de milho.

Vejamos algumas narrativas:

Naquele tempo as nossa vida estava nos nossos pequenos quintais dos nossos tios e colegas, hoje percebo que está cada vez mais difícil, pois, cada um se tornou individualista de forma que não se vê mais as nossas criança brincado como no passado (participante João).

No meu tempo de criança a gente brincava mais, com os nossos primos e colegas, hoje eu vejo que não mais assim, cada um brinca separado e muitas das vezes individual, porque são proibindo de brincar nos pequenos terreiro de nossas casas, muitos parentes foram embora para outras comunidades, levam com eles um pequeno de cada de nós como as nossas infâncias e os brinquedos (participante Ana)

Nossa cultura no dia de hoje ao poucos é substituída pela cultura midiática, e nossos brinquedos e brincadeiras sofrem interferência com as brincadeiras do mundo contemporâneo (participante Laura).

Sobre a dinâmica das brincadeiras infantis observou-se nas falas dos participantes, que os objetos usados têm características multiculturais. As brincadeiras e brinquedos citados nas narrativas dos moradores foram tanto brincadeiras e brinquedos tradicionais feitos com artefatos da região, quanto brinquedos industrializados. Alguns fabricados com materiais da região, como a madeira, outros confeccionados de sucata, como a lata de óleo vazio. Os brinquedos tradicionais citados foram as bonecas de pau, de barro e de pano (confeccionadas com barro, madeira e tecido); os carrinhos produzidos do buriti, a bola feita de limão e o tapete de guarimã (produto extraído da floresta usado principalmente na fabricação de peneiros). Os brinquedos industrializados foram os jogos de montar lego, as bonecas e os carros industrializados.

Portanto, o jogo de bola, a pira se esconde, o brincar de casinha com tapete de guarimã e boneca de vidro (feitas de garrafa de vidro vazias). Além da brincadeira de comadre, a perna de pau (produzidas com madeiras leves extraídas das florestas), e o carrinho feito de lata de óleo são algumas atividades e artefatos lúdicos nas comunidades quilombolas. As brincadeiras e brinquedos no quilombo auxiliam na construção da identidade cultural e são importantes para manter as tradições culturais. Concordamos com Pontes e Magalhães (2003)

ao afirmarem que as brincadeiras tradicionais, enquanto práticas culturais são transmitidas de geração a geração e apresentam anonimato; e nessas as crianças no brincar são co-construtoras e modificam a cultura.

Dessa maneira, os modos de brincar, os materiais, os artefatos e os locais que as crianças brincam no quilombo possuem história, referência identitária e tradições que passam de geração para geração; portanto, as brincadeiras das crianças oferecem informações sobre a comunidade quilombola.

### **As práticas curriculares e as brincadeiras tradicionais: o brincar da comunidade como eixo curricular em escolas quilombolas com classe multisseriada**

A professora em sua narrativa expressou seu sentido sobre o brincar e as brincadeiras tradicionais no quilombo, antes de comentar sobre as práticas curriculares. A mesma indicou a relevância dessa atividade lúdica para reafirmar a identidade cultural quilombola e auxiliar no desenvolvimento global da criança.

Primeiramente, entendo que toda brincadeira precisa ter uma intenção pedagógica não é só o brincar. Sendo assim, as brincadeiras tradicionais estão alinhadas a realidade das crianças afim de desenvolver uma aprendizagem significativa e assim sejam concretizados os saberes tradicionais locais, uma vez que, essas brincadeiras se apresentam como uma extensão entre escola e comunidade. As brincadeiras tradicionais são muito importante dentro de um território Quilombola, pois reforçam a valorização da construção identitária das crianças quilombolas. Além disso, a interação social contribui para o desenvolvimento afetivo, criatividade, movimento corporal, entre outras características que envolvem as brincadeiras tradicionais. (Professora Lúcia).

Sobre a inserção das brincadeiras tradicionais nas práticas curriculares da escola com classe multisseriada, a professora Lúcia contou que organiza o planejamento curricular ao longo do ano letivo na escola a partir dessas brincadeiras, e aplica na prática pedagógica.

As brincadeiras do quilombo são inseridas no planejamento das atividades do ensino- aprendizagem ao longo de todo o período letivo e são desenvolvidas na prática pedagógica de forma complementar aos componentes curriculares e, se intensificam principalmente na educação infantil em que as habilidades são desenvolvidas por meio do brincar. Algumas brincadeiras como; cantigas de roda, contação de histórias, e representação de lendas locais são frequentemente trabalhadas dentro da sala de aula, porém essas e outras brincadeiras ultrapassam a escola e são desenvolvidas também em eventos considerados tradicionais no quilombo (dia das crianças, consciência negra, gincana de férias festas junina e etc.). São elas: corrida no saco, ciranda, pula corda, amarelinha entre outras.

Em específico, as identidades culturais se fortaleceram nas escolas, com mudanças na legislação e políticas públicas educacionais, e.g.: Lei nº 10.639/2003 e Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012, com uma educação voltada a diversidade e as relações étnico-raciais; essas modificações foram percebidas especialmente nas questões do preconceito e da auto estima dos estudantes (BRASIL, 2003; 209; COELHO; COELHO, 210).

O reconhecimento da diversidade em que se avança lentamente nas políticas e diretrizes curriculares dá ênfase em que os conhecimentos dos currículos valorizando as diferenças ajudem a toda criança, adolescente, jovem-adulto na construção, reconstrução da diversidade de suas identidades culturais (ARROYO, 2015, pg. 58).

A prática curricular, compreendida como as atividades para organizar e implementar o currículo envolve uma fundamentação teórica e prática. Para Sacristan (2000), o currículo tem vários níveis, entre eles, o currículo moldado pelo professor e o currículo em ação. Para o autor o professor tem um papel importante nos significados do currículo e na concretização dos conteúdos, o docente planeja e organiza o ensino, realiza as tarefas da escola, uma prática fundamentada na teoria e nas experiências do professor. Na pesquisa a professora Lúcia conseguiu moldar o currículo e colocar em ação, considerando a identidade cultural do quilombo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo compreender as brincadeiras dos quilombos na interface com as práticas curriculares na escola. Nas narrativas os moradores relataram sobre o modo de brincar, os brinquedos e a confecção destes com os materiais da região, como a madeira, o barro, a cuia, a espiga de milho, a lata a garrafa de vidro. Com esses materiais faziam brinquedos como a perna de pau, a boneca de vidro, a boneca de barro e o carro de lata. Essas brincadeiras revelam a identidade cultural dos quilombos, e ainda são vivenciadas pelas crianças na atualidade. As brincadeiras no quilombo são parte de uma cultura local, faz parte da identidade do quilombo e são transmitidas de geração para geração. Atualmente as brincadeiras e brinquedos têm sido ampliados por brinquedos industrializados ofertados pelo mercado midiático.

Na narrativa a professora destacou que as brincadeiras tradicionais são utilizadas no planejamento e prática curricular na escola durante o ano letivo. As práticas curriculares se

direcionam para a valorização da identidade cultural, pela via das brincadeiras do quilombo. No planejamento das atividades do ensino- aprendizagem do período letivo o brincar do quilombo foi inserido, com o desenvolvimento de práticas curriculares na classe multisseriada. Além das brincadeiras tradicionais da comunidade, também utiliza cantigas de roda com músicas do quilombo, contação de estórias da comunidade quilombola e representação de lendas locais. Nessas atividades curriculares a cultura do quilombo é evidenciada.

Em suma, compreendemos que precisamos criar mecanismos que fortaleçam as culturas tradicionais ainda existentes e fazer um resgate histórico para que não se percam as memórias, as brincadeiras do passado, seja pela via das atividades cotidianas, seja por meio das práticas curriculares.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. G. Os movimentos sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, Curitiba, n.55, p. 47-68, 2015.

BRANDÃO, Ileana. F. **A criança ressignifica a cultura**: a reprodução interpretativa nas brincadeiras de faz de conta em três contextos diferenciados. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

BRASIL. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/SEPPPIR, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. SP: Editora Cortez, 8ªed. 2014.

CARRIL, Lourdes. D. F. B. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 539–564, abr. 2017.

CARVALHO, Ana. M.A. & PONTES, Fernando. A. R. . Brincadeira é cultura. In A.M.A. CARVALHO, Celina. M. C. MAGALHÃES; Fernando. A.R. PONTES & I. D. BICHARA (ORGS.). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

COELHO, Wilma. DE N. B.; COELHO, Mauro. C. Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso. **Educar em Revista**, n. 47, p. 67–84, 2013.

GIMENO SACRISTÁN, José. **Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto alegre: Artmed. 2000.

HALL, Stuart. Notas a desconstrução do popular. In: **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva. 2012

KISHIMOTO, Tizuko. **Brinquedo, brincadeira e a educação**.14.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko. **Jogos tradicionais infantis**: O jogo, a criança e a educação. Petrópolis: RJ, Vozes.1993.

MINAYO, Maria. C. S. (org). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo, RS: Ed. da Unisinos. 2004.

OLIVEIRA, Zilma. R. **Educação infantil fundamentos e métodos**. São Paulo. Cortez editora, 2002

PONTES, Fernando. A. R.; MAGALHÃES, Celina. M. C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.

SILVA, Tomaz. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SOUSA, Neide. M. F. R. Arranjos espaciais e interações entre crianças em ambiente de creche. 2004. 83f. **Dissertação** (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento - Universidade Federal do Pará. Belém-PA, 2004.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 2007

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na educação infantil**: uma história que se repete. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

**Recebido** : 09 de fevereiro de 2023.

**Aprovado**: 30 de novembro de 2023.

**Publicado**: 1 de janeiro de 2024.

**Autoria:**

**Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa**

Instituição: UFPA

E-mail: nmfrs@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9129-0319>

País: Brasil

**Arlene Nascimento dos Santos**

Instituição: SEMED

E-mail: arlenesantos1987@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5180-0807>

País: Brasil